

## A NARRATIVA FANTÁSTICA NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Élida Ferreira GUERRA

**Resumo:** A linguagem é o elemento fundamental da interação entre o ser humano e o meio no qual ele se insere. Cabe, assim, à escola, guiar o educando em busca do dialogismo e da construção do sentido, a fim de levá-lo a refletir e a conduzir suas ideias por meio da palavra. A partir dessa concepção, é objeto deste estudo analisar como as narrativas fantásticas são abordadas no contexto escolar, frente às mudanças de paradigmas sociais. Nota-se que a literatura fantástica tem perdido domínio, uma vez que os alunos mostram-se descrentes de pensar sobre o não acontecido e, a partir deste, investigar o seu próprio cotidiano e criar oportunidades de explicar determinados fatos através da verossimilhança. As características arroladas para a narração fantástica nos permitem repensar nossa realidade e, por meio da criatividade, transformar nossas experiências. Sendo assim, buscaremos elucidar a maneira como os alunos veem o estudo da narrativa fantástica no ensino fundamental. A partir desse diagnóstico, nossa proposta é desenvolver elementos que possam auxiliar o professor na aprendizagem escolar e, assim, realizar o trabalho com a linguagem de forma interativa e reflexiva, quebrando o paradigma criado no contexto escolar e transformando esse ensino mecanicista da narrativa fantástica em uma oportunidade de investigação sobre a realidade e a fantasia.

**Palavras-chave:** Narrativa fantástica, ensino, linguagem.

**Abstract:** The language is the fundamental element from the interaction between the human being and the environment in which he is inserted. This falls to the school to guide the scholar in search of the linguistic dialogism, in order to make him reflect and conduct his ideas through the word. In this manner the aim of this study is to analyze how the imaginary narratives are approached in the scholastic context facing the social paradigms change. It is noticed that the imaginary literature has lost its domain, once students show incredulous to think about the non-happened and from this on investigate their own quotidian and create opportunities to explain determined facts through the verisimilitude. The characteristics inscribed to the imaginary narrative allow us to rethink our reality and through creativity transform our experiences. In this case we will inquire to elucidate the manner students see the imaginary literature study in the elementary education from this diagnosis on develop elements that can help the teacher in the scholastic learning and thus carry out the work with the language in an interactive and reflexive way, breaking this.

**Keywords:** imaginary narratives, language, teaching

“A imaginação não é um estado. É toda a existência humana.  
(William Blake)

A linguagem é o elemento fundamental de interação entre o ser humano e o meio no qual ele se insere. É através dela que o homem conhece e passa a aprender com o outro pela troca de experiências. Funda-se aqui o dialogismo linguístico proposto por Bakhtin (1999; 2000).

Seguindo a trilha bakhtiniana, a literatura, que se autenticaria na própria voz do autor, enuncia-se através das diversas vozes que passam a compor a arte e, assim, o artista, ao compor sua obra, destaca a alteridade da linguagem literária.

A partir dessa concepção de linguagem, buscaremos elucidar como a narrativa fantástica tem sido conduzida no ambiente escolar e como a fantasia, criada pela nossa mente, faz parte da formação educacional.

A pesquisa que relatarei faz parte de um estudo investigativo sobre o desenvolvimento da literatura fantástica frente às mudanças de paradigmas sociais, uma vez que os fatos reais são a única forma de compreender o cotidiano. Esse trabalho foi desenvolvido com alunos do ensino fundamental da E. E. de Monte Alegre de Minas – 6º aos 9º anos. Neste texto, destaco notadamente a postura dos alunos do 6º ano ao discutirem a temática da fantasia no ambiente escolar.

Ao longo do trabalho de pesquisa, verifiquei que o insólito tem perdido domínio e, conseqüentemente, a literatura fantástica tem sofrido resistência por parte dos alunos, principalmente ao se trabalhar com a literatura fantástica clássica.

Ao difundir a temática tratada neste trabalho, procuramos definir a importância da literatura para a infância e para a juventude por acreditar que é através da leitura que o indivíduo desenvolve a criatividade, a reflexão e, assim, torna-se um ser participativo e interativo da realidade que vivencia. E a fantasia é o primeiro passo para a criança e para o adolescente acreditarem em suas próprias utopias e em sua imaginação, a fim de buscar uma realidade que poderá, a princípio, ser inalcançável, ser apenas real nos livros, mas o sonho pode ser tamanho que se tornará concreto, visível, disposto “a seus pés”.

Dessa forma, vemos o quanto o conceito de fantástico é permeado pela ambigüidade, uma vez que tal conceito atribui um duplo sentido à sua imaginação, podendo esta ser concreta ou imaginária. Seguiremos uma visão que afasta o pseudo-imaginário, fundamentado numa tentativa de alienação, por tentar desviar o leitor dos verdadeiros problemas do mundo.

O imaginário apresentado nas obras literárias num procedimento monológico prima por uma literatura moralista, que ensina seus leitores o verdadeiro caminho para a felicidade. Essa maneira de encarar a literatura fantástica desencadeia um enorme paradoxo ao constituir um discurso único. Além disso, poderíamos perguntar: a literatura fantástica retrata o não acontecido?

“Supõe-se habitualmente que o fantástico reprime na criança a construção do real, como se o real devesse inevitavelmente ser elaborado contra o imaginário, ou o imaginário contra o real” (HELD, 1980, p.47).

Assim, esse leitor aliena-se dentro dos vários contextos apresentados; sente-se incapaz de construir ambientes fantásticos com nítida exatidão do fazer literário e, ao mesmo tempo, vê-se estereotipado da realidade que vivencia, a qual é desconstruída da imaginação, da utopia. Ressalta Held quanto à alienação:

Para nós, razão e imaginação não se constroem uma contra a outra, mas, ao contrário, uma pela outra. Não é tentando extirpar da infância as raízes da imaginação criadora que vamos torná-la racional. Pelo contrário, é auxiliando-a a manipular essa imaginação criadora cada vez com mais habilidade, distância. O que supõe quase sempre possível, mediação do adulto, diálogo (HELD, 1980, p.48).

O fantástico para Todorov “implica não apenas a existência de um acontecimento estranho, que provoca hesitação no leitor e no herói; mas também numa maneira de ler, que se pode por ora definir negativamente: não se deve nem poética, nem alegoria” (TODOROV, 2008, p.38).

Esse autor acrescenta que três condições importantes para a existência do fantástico na literatura sejam preenchidas:

Primeiro, preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente representada por uma personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra; no caso de uma obra ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação poética (TODOROV, 2008, p. 39).

Essas reflexões sobre a narrativa fantástica muito contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem, uma vez que essa experiência literária é, poder-se-ia dizer unanimemente, a primeira a qual os sujeitos leitores são expostos a refletir e a pensar sobre a arte literária.

Calvino, por sua vez, também destaca a importância da leitura para a formação do leitor:

as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude. Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecido. Existe uma força particular da obra que consegue fazer-se esquecer enquanto tal, mas que deixa sua semente (CALVINO, 1993, p. 8)

Como se trata de trabalho que busca a reflexão da aprendizagem da literatura fantástica, abordaremos a seguir, o contexto escolar e a maneira como os alunos analisam a narrativa fantástica.

Não é novidade que algumas narrativas conquistam grande público e até admiradores. Tal fato é exemplificado na contemporaneidade pelas narrativas do bruxo Harry Potter que emociona e comove seus telespectadores e seus leitores. Essa narrativa, como se mostra, utiliza de muitos elementos fantásticos pertencentes aos contos de fadas. Portanto, pergunta-se: por que os alunos gostam e se identificam com a literatura fantástica contemporânea e mostram um enorme repúdio e desinteresse ao ler uma narrativa fantástica clássica?

O fantástico pode ser definido como “o irreal no sentido estético daquilo que é apenas imaginável”, aquilo “que não é visível aos olhos de todos, que não existe para todos, mas que é criado pela imaginação,

pela fantasia de um espírito” (HELD, 1980, p. 25). O fantástico não está separado ou afastado da realidade concreta, pois ele faz parte dessa realidade, sendo, portanto, expressão e produto da imaginação do homem. Ainda segundo essa autora, a fonte do fantástico pode ser encontrada nas experiências cotidianas, com personagens conhecidas e em acontecimentos vividos.

Ao analisar tais referências conceituais, observa-se o quanto a literatura fantástica pode ser compreendida de forma mais ampla, adentrando caminhos mais profundos e, assim, trazer o leitor para ser cúmplice das suas manifestações artísticas.

Com esse propósito de retratar a literatura fantástica, enquanto uma manifestação que vai além do imaginário e do não-acontecido, fizemos um diagnóstico com os alunos do ensino fundamental de escola pública, especificamente alunos do 6º aos 9º anos, a fim de identificar as causas que os levam a descaracterizar a narrativa fantástica e, paradoxalmente, exaltar tantas obras que resgatam de modo claro e objetivo tais narrativas.

Notamos, a partir desse diagnóstico, que as preferências dos pré-adolescentes giravam em torno dos livros que eram referendados como os mais lidos pela sociedade, dentre eles as narrativas fantásticas contemporâneas. E o que mais se destacou foi o fato de esses alunos relacionarem as escolhas de leitura às suas vidas, a fim de buscar uma proximidade entre a obra e o cotidiano.

Ao fazermos referência a muitas histórias clássicas da literatura fantástica, percebemos uma enorme desilusão dos alunos. Estes manifestaram que a maioria dessas histórias já são conhecidas pelo senso comum e não há motivos para fazer a leitura completa. Além disso, ressaltaram que no decorrer da vida estudantil, os trechos de várias narrativas lhes foram apresentados para afirmar questões moralistas a respeito da relação dos seres humanos, como ingenuidade, maus tratos, responsabilidade, entre tantas outras.

Percebe-se, portanto, que ao mencionar o conhecimento superficial das histórias, a aprendizagem e o gosto pela leitura são desmotivados por fatos muitos simples, uma vez que as questões moralistas, muitas vezes destacadas, são facilmente percebidas assim que o indivíduo consegue atingir uma maior maturidade enquanto leitor. A construção da narrativa fantástica e a forma como a linguagem é trabalhada não fazem sentido para a maioria dos educadores, enquanto mediadores do conhecimento e indivíduos responsáveis por desenvolver uma postura mais reflexiva da própria educação. Nota-se, dessa forma, que o conceito de fantástico é extremamente lacunoso e superficial, impedindo um trabalho mais eficiente com os alunos.

Frente a esse empecilho, o próprio educador precisa rever sua conceituação ao trabalhar atividades com o fantástico, uma vez que ele é o responsável pelo desenvolvimento intelectual do indivíduo que inicia a leitura e precisa compreender o mundo imaginário que estará a sua disposição. Assim, a base teórica do educador não pode destacar lacunas que o aluno não consiga compreender; é preciso que haja um trabalho

significante, em que o mundo imaginário adentre a realidade do ser humano e o faça compreendê-lo de modo mais maduro e objetivo.

Sabemos que no decorrer da história literária, as narrativas fantásticas foram inseridas através da oralidade e eram muito difundidas no meio social; contar “causos” fazia parte da vida de muitas pessoas, principalmente, pelo fato de o homem, desde o início de sua existência, “ter sentido a presença (ou a força) de poderes muito maiores do que sua própria vontade e poder pessoal ou de mistérios que o atingissem, sem que sua mente conseguisse explicar, conhecer ou compreender, como afirma Coelho (1987, p.10). Dessa forma, o fazer literário, tanto para o professor quanto para o aluno tornava mais concreto e real, pois as histórias faziam parte da vida de um povo, sejam as suas crenças, as superstições ou as histórias para amedrontar e divertir.

A partir das crenças e superstições dos povos de várias regiões do mundo, muitos mistérios, heróis, heroínas, fantasmas, bruxas, princesas, príncipes foram criados e imaginados na existência do homem comum. Mas foi apenas para dizer que esses são seres que não existem e que nós, seres reais, devemos apenas sonhar com essas criações literárias, pois elas nunca farão parte da existência terrena?

Com ou sem a presença de fadas (mas sempre com o maravilhoso), seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida etc.) e têm como eixo gerador uma problemática existencial. Ou melhor, têm como núcleo problemático a realização essencial do herói ou da heroína, realização que, via de regra, está visceralmente ligada à união homem-mulher (COELHO, 1987, p. 13).

A esse respeito, acrescenta Held:

A narração fantástica reúne, materializa e traduz todo um mundo de desejos: compartilhar da vida animal, libertar-se da gravidade, tornar-se invisível, mudar seu tamanho e – resumindo tudo isso – transformar à sua vontade o universo: o conto fantástico como realização dos grandes sonhos humanos, sonhos frequentemente retomados pela ciência (HELD, 1980, p. 25).

Assim, a presença das princesas e dos príncipes, mesmo que ilusórias, devem fazer parte da vida de qualquer indivíduo, pois é a partir da utopia, dos sonhos, que despertamos a nossa imaginação e assim, criamos os fatos concretos da existência humana.

Essa “metamorfose” conceitual, ressaltada por Held, pode ser trabalhada de forma prática com os alunos, com o objetivo de levá-los a perceber que as narrativas fantásticas são o início de diversas explicações humanas para fatos cotidianos e que a análise dessas obras não tramita apenas pelo universo do real x imaginação. A mensagem que os contos de fadas transmitem de forma variada - que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável e é parte intrínseca da existência humana – mas que, se a pessoa não

se intimidada e se defronta resolutamente com as provações inesperadas, e muitas vezes injustas, ela poderá dominar todas as adversidades e, ao fim, emergirá vitoriosa (BETTELHEIM, 2008).

Essas conclusões possibilitaram um maior envolvimento dos alunos com os textos literários propostos, mesmo em relação aos textos que eles já diziam ter conhecimento. Tal fato passou a desafiá-los com emoção e, assim, foram criadas situações inusitadas para explicar muitos fenômenos irrealistas para a humanidade, mas que reuniria um real psíquico. Como os próprios alunos diziam: “o fantástico passa a ter vida e nós, seres humanos, explicamos a nossa própria existência através da nossa imaginação”. Assim, foi possível que os alunos percebessem que o conceito de fantástico é muito amplo e profundo, e somente é capaz de compreendê-lo quem mergulhar profundamente na imaginação.

Para exemplificar algumas de nossas produções, trabalhamos um texto muito simples da literatura fantástica que desenvolve vários conceitos já postos nesse estudo. Citaremos trechos do conto João e Maria, discutidos com os alunos do 6º ano.

Às margens de uma extensa mata existia, há muito tempo, uma cabana pobre, feita de troncos de árvore, na qual morava um lenhador com sua segunda esposa e seus dois filhinhos, nascidos do primeiro casamento. O garoto chamava-se João e, a menina, Maria. A vida sempre fora difícil na casa do lenhador, mas naquela época as coisas haviam piorado ainda mais: não havia comida para todos.

— Minha mulher, o que será de nós? Acabaremos todos por morrer de necessidade. E as crianças serão as primeiras...

— Há uma solução... — disse a madrasta, que era muito malvada. — Amanhã daremos a João e Maria um pedaço de pão, depois os levaremos à mata e lá os abandonaremos...

...João ouviu a madrasta novamente convencendo o pai a abandoná-los, mas desta vez não conseguiu sair do quarto para apanhar as pedrinhas, pois sua madrasta havia trancado a porta. Maria desesperada só chorava. João pediu-lhe para ficar calma e ter fé em Deus. Antes de saírem para o passeio, receberam para comer um pedaço de pão velho. João, em vez de comer o

pão, guardou-o. As crianças andaram muito até que chegaram a uma casinha toda feita com chocolate, biscoitos e doces. Famintos, correram e começaram a comer. De repente, apareceu uma velhinha, dizendo: - Entrem, entrem, entrem, que lá dentro tem muito mais para vocês. Mas a velhinha era uma bruxa que os deixou comer bastante até caírem no sono em confortáveis caminhas.

Quando as crianças acordaram, achavam que estavam no céu, parecia tudo perfeito...

... Depois de muito andarem atravessaram um grande lago com a ajuda de um cisne.

Andaram mais um pouco e começaram a reconhecer o caminho. Viram de longe a pequena cabana do pai. Ao chegarem na cabana encontraram o pai triste e arrependido. A madrasta havia morrido de fome e o pai estava desesperado com o que fez com os filhos.

Quando os viu, o pai ficou muito feliz e foi correndo abraçá-los. Joãozinho e Maria mostraram-lhe toda a fortuna que traziam nos seus bolsos, agora não haveria mais preocupação com dinheiro e comida e assim foram felizes para sempre.<sup>13</sup>

A partir das discussões realizadas com os alunos, notamos que as palavras passaram a ter um significado diferente, uma vez que eles ficaram mais preocupados em compreender a razão de certas escolhas,

---

<sup>13</sup> Grifos nosso. Trechos da obra João e Maria, de [Jacob Grimm](#) | [Wilhelm Grimm](#).

repetições, criações apresentadas no decorrer do texto. Discutiram muito o fato de o autor criar uma casinha de chocolate no meio da floresta sem nenhuma referência textual, pois “pegou” as personagens de súbito, num momento de enorme angústia; no entanto, é uma felicidade ilusória que dura alguns instantes, por serem surpreendidos por uma senhora que camufla a benevolência.

Além dessa abordagem mais dinâmica da linguagem e da literatura, alguns alunos conseguiram perceber, através de algumas leituras das narrativas fantásticas, que certos fatos irrealis, insólitos para uma determinada época, poder-se-ão tornar reais e fazer parte da história da humanidade. Destaca-se aqui, o autor Júlio Verne que referendou esse parâmetro para a nossa literatura fantástica, por traçar horizontes jamais imagináveis do ponto de vista da realidade, na obra *Vinte mil Léguas Submarinas*.

Concordamos com Held (1980) ao afirmar que o valor do fantástico é mal percebido, muitas vezes negado, porque é um valor indireto, que age subterraneamente, a longo prazo, no quadro de educação global da personalidade integral.

O papel do fantástico não é, de maneira alguma, dar à criança receitas de saber e de ação, por mais exatas que sejam. A literatura fantástica e poética é, antes de tudo e indissociavelmente, fonte de maravilhamento e reflexão pessoal, fontes de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigentes e, pois, mais críticos diante do mundo. E porque quebra clichês e estereótipos, porque é essa recriação que desbloqueia e fertiliza o imaginário pessoal do leitor, é que é indispensável para a construção de uma criança que, amanhã, saiba inventar o homem (HELD, 1980, p.234).

Frente a estas questões, reafirmamos a importância da concepção da linguagem enquanto interação, diálogo com as diversas vozes presentes na enunciação e vemos que, no momento em que esta é difundida a partir desses pressupostos, a aprendizagem torna-se possível e muitos conceitos incompreensíveis passam a fazer parte da vivência dos indivíduos. Em consequência, os alunos participam do processo de aprendizagem como cidadãos reflexivos, os quais analisam as várias maneiras de compreender o mundo.

Entretanto, para que realmente isso aconteça, a escola não pode andar na contramão desse processo. “Ao se preocupar apenas com o lado profano da leitura, elimina-se a sua relação com o mágico, e, assim, faz-se da leitura apenas técnica que alimenta a construção de palavras e frases absolutamente assépticas, sem cor, sem sonoridade ou sabor” (NASCIMENTO, 2010).

Finalmente, cabe aqui registrar que este estudo faz parte de uma investigação do ensino da literatura fantástica na escola pública, por acreditar que essa narrativa é o primeiro momento de contato do leitor incipiente com a linguagem escrita. É, portanto, um referencial para a formação do leitor que deverá encarar o mundo sobre diversos prismas.

## Referências

- BAKHTTIN, Mikhail M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 22 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.
- HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Summus, 1980.
- NASCIMENTO, Mariângela Barros Vianna. **A formação dos educadores e sua competência para trabalhar os diversos sentimentos da criança e do pré-adolescente, através da Literatura Fantástica**, disponível em <[www.revistarecreate.net](http://www.revistarecreate.net)>. Acesso em 26 out 2013.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Castello. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.